

## A POSSIBILIDADE DE ENSINARMOS FILOSOFIA COM HQ's. “OS MUTANTES INVADIRAM A SALA DE AULA!”.

*Leandro Raphael Vicente*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho visa discutir o modo como HQ's são trabalhadas no ensino de filosofia, seja como “mera ilustração” ou na promoção de uma verdadeira parceria entre conceitos e imagens. Além disso, acompanharemos o relato de uma experiência com a adaptação dos X-Men para uma discussão sobre intolerância e diversidade com adolescentes do ensino médio, um trabalho que considerou os pressupostos da Filosofia Pop como reflexão para um novo olhar sobre este recurso didático em sala de aula.

**Palavras Chave:** Ensino de filosofia; Quadrinhos; Filosofia Pop; Material didático.

**ABSTRACT:** The present work aims to discuss the way comics are worked in philosophy teaching, either as a “mere illustration” or in the promotion of a true partnership between concepts and images. In addition, we will follow the report of an experience with the adaptation of the X-Men for a discussion about intolerance and diversity with high school teenagers, a work that considered the assumptions of Pop Philosophy as a reflection for a new look at this didactic resource in the classroom.

**Keywords:** Teaching philosophy; Comics; Pop Philosophy; Courseware.

### Introdução

A experiência como docente de filosofia no ensino médio é bastante desafiadora, principalmente quando se trata de escola pública em regiões de alta vulnerabilidade. Infelizmente, são várias as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, tais como: O desconhecimento da importância da disciplina por parte de alunos e professores, a baixa quantidade de aulas por semana em cada sala, os preconceitos e as contínuas investidas para a retirada da filosofia do ensino médio ou a sua própria descaracterização, etc. Questões específicas desta disciplina, que somados aos problemas sociais e econômicos daqueles que não recebem a devida atenção do poder público, tornam-se um desafio ainda maior para o seu ensino.

Pensar novas práticas e estratégias de ensino da filosofia, num cenário tão desfavorável como este, é fundamental para que o exercício da reflexão crítica e filosófica não sejam negados aos estudantes. Tendo em vista que, o estudo da filosofia possa contribuir na formação integral dos mesmos, oferecendo-lhes instrumentos valiosos para pensarem sobre si mesmos e o mundo em que vivem, de modo mais coerente e aprofundado.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia-Unicastelo

O trabalho de adaptação das histórias em quadrinhos para o ensino de filosofia surgiu, justamente, com o propósito de tornar as aulas mais interessantes e significativas, capazes de conectarem importantes reflexões sobre justiça, liberdade, diversidade etc. com histórias presentes nos quadrinhos, tão populares entre os jovens em geral. Ou seja, a parceria entre HQ's e filosofia ofereceriam um poderoso instrumental pedagógico para o desenvolvimento da leitura crítica dos estudantes, assim como introduzir temas presentes em obras filosóficas.

Neste artigo, iremos apresentar uma proposta de ensino da filosofia com os quadrinhos, formulada a partir de experiências com estudantes do ensino médio de uma escola pública em SP, utilizando os personagens XMEN e o filósofo Michel Foucault para discutir sobre intolerância e diversidade. Além disso, o nosso trabalho visa levantar questões importantes relacionadas à didática e ao ensino de filosofia com tal recurso pedagógico, em busca de novas perspectivas e abordagens para aulas de filosofia.

### **Adaptando HQ's para o ensino de filosofia.**

A adaptação<sup>2</sup> dos quadrinhos para o ensino de filosofia não é uma novidade em si, basta visitarmos obras como *Iniciação à Filosofia* de Marilena Chaui, tradicionalmente distribuídas em escolas públicas, que encontraremos diversas tirinhas da Mafalda, Calvin e tantos outros personagens. No entanto, o modo como são utilizadas tais histórias são, em grande medida, para somente ilustrar determinados conteúdos filosóficos. Vejamos o exemplo a seguir, presente na mesma obra, que utiliza o personagem Piteco de Mauricio de Souza para fazer alusão ao mito da caverna de Platão:

---

<sup>2</sup> Entendemos por adaptação das HQ's para o ensino de filosofia como o ato de ajustar ou adequar os quadrinhos para reflexões filosóficas em sala de aula, seja por meio de tiras ou trechos de histórias maiores trazidas de maneira impressa ou transmitidas em telas digitais. Na adaptação, pode-se selecionar, recortar ou reorganizar as imagens escolhidas para uma apresentação aos alunos, que dependerá dos recursos disponíveis e da sequência didática utilizada.

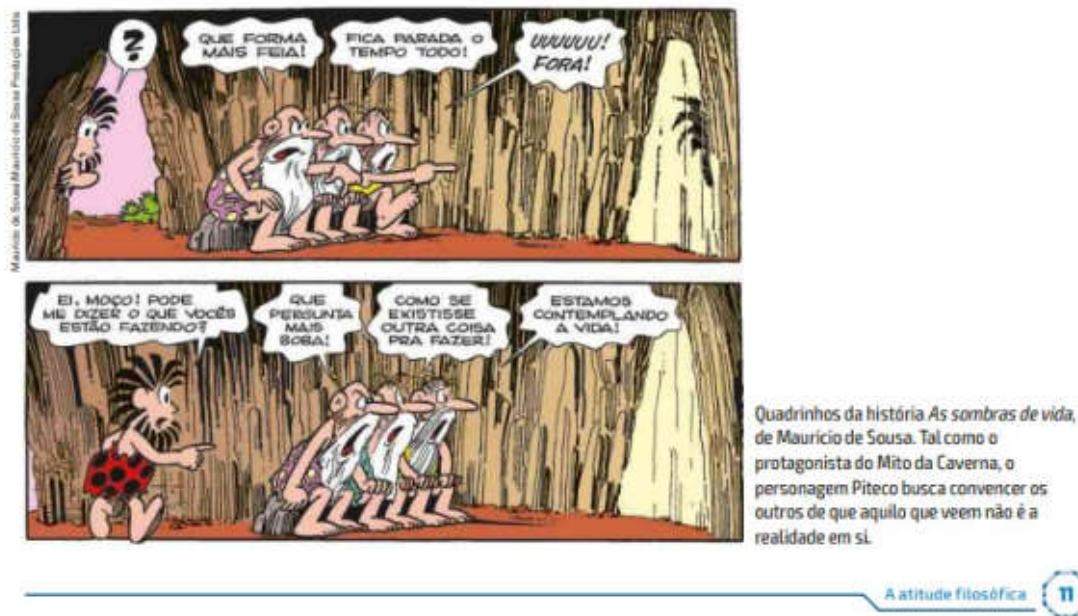


Figura 1: Tirinha do Piteco adaptada para o livro *Iniciação a filosofia*.

Fonte: CHAUI, Marilena. *Iniciação à filosofia*. p.13.

Outra forma de ensino da filosofia através dos quadrinhos está presente na coletânea de livros de William Irwin, responsável por coordenar diferentes publicações que envolvem Super-heróis com a filosofia. Em cada livro pode-se encontrar diferentes questões filosóficas espalhadas em seus capítulos, análises que envolvem personagens famosos da cultura pop e temas presentes na filosofia. Entretanto, tais materiais carecem de planos de aula ou orientações mais precisas sobre possíveis adaptações para a sala de aula, deixando de lado, inclusive, as imagens que poderiam promover tais discussões.

Em ambos os materiais, não se pode encontrar uma verdadeira valorização das imagens das HQ's, nem critérios ou sugestões para selecionar, adaptar ou utilizá-las em sala de aula. Além disso, parecem subestimar o potencial comunicativo das mesmas, já que fixam, na maioria das vezes, suas análises nos enredos e textos escritos em balões de falas.

Neste sentido, vale destacar o movimento Filosofia Pop, que tem no Brasil Charles Feitosa como seu representante, pois visa uma verdadeira parceria entre imagens e conceitos. Para ele, a combinação entre a ótica do filósofo com a do artista seria um jeito diferente de tratar temas complexos da cultura e da existência, com maior alegria e leveza (FEITOSA, 2004).

Em seu livro *Explicando filosofia com arte*, Feitosa nos propõe uma nova relação com as imagens durante o exercício filosófico, trata-se de superarmos a utilização das mesmas

como “mera ilustração” ou “adorno” para os textos. Neste sentido, as imagens seriam realocadas e também poderiam servir como “ponto de partida” para as discussões, guiando os conceitos ao invés de somente ilustrar ideias presentes nos textos trabalhados.

Por meio da filosofia pop, Feitosa também problematiza os critérios de seleção dos conteúdos que são considerados, muitas vezes, “clássicos da cultura”. Para ele (2001), a filosofia deve ser pop ao deixar explodir as questões essenciais, sem distinções ou hierarquias entre conhecimentos eruditos e populares, conceituais e imagéticos. Proposta que permitiria um novo olhar sobre os quadrinhos em sala de aula, justamente o que estamos procurando.

Desta forma, propõe-se um novo lugar para os quadrinhos durante o ensino da filosofia, uma mudança significativa, capaz de propiciar novas estratégias pedagógicas com este material. Tal adaptação permitiria uma verdadeira aproximação à realidade dos jovens, já que muitos personagens que eles conhecem estão presentes em animações e séries de TV, filmes, jogos, brinquedos e vestuários. Motivo pelo qual optamos pelos quadrinhos dos XMEN para discutir sobre intolerância e diversidade.

Portanto, o nosso esforço por apresentar experiências bem sucedidas com a adaptação dos quadrinhos com este viés, tem por objetivo oferecer novas possibilidades pedagógicas. Além disso, visamos um novo modo de exploração dos quadrinhos enquanto materiais didáticos, superando a “mera ilustração” para uma parceria genuína entre a nona arte e a filosofia, a fim de se produzirem novas reflexões sobre temas diversos.

### **O potencial das HQ's como material didático.**

Como pudemos ver, a combinação entre filosofia e quadrinhos em sala de aula, nesta perspectiva, poderia resultar em novas experiências filosóficas com os estudantes, capazes de tornarem as aulas mais significativas para os mesmos. Isto se deve, justamente, pelo interesse que muitos jovens possuem pelas HQ's, seja por conterem histórias divertidas, personagens bem elaborados ou imagens bem desenhadas, os quadrinhos atraem um grande número de crianças e adolescentes.

Desta forma, acreditamos que a sua adaptação para o ensino de filosofia potencializaria o interesse dos jovens para reflexões sobre diferentes temas, tornando as aulas mais divertidas e atrativas para os adolescentes. Nas palavras de Renata Alpis e Silvio Gallo:

Uma grande preocupação no campo da educação que já há anos incomoda os profissionais desta área é a do aparentemente cada vez menor interesse que os jovens têm pela escola. A incompatibilidade entre a crescente atração que os acelerados avanços tecnológicos do mundo contemporâneo exercem nos jovens e a

tradicional estrutura da escola aguça as discussões sobre, entre outras, a questão das práticas de ensino. A pergunta que está por trás dessa preocupação é a de como competir com todas as seduções do “mundo lá fora” na hora de ensinar. (ASPIS; GALLO, 2009, p.75)

Por tratar-se de uma linguagem predominantemente imagética, os quadrinhos poderiam facilitar as relações entre conceitos filosóficos e situações do cotidiano, já que por meio de suas histórias seria possível re/tratar questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, às emoções humanas, etc. (WESHENFELDER, 2011, p.3-4). Por isso, os quadrinhos ofereceriam um perfeito conjunto de situações e narrativas para diferentes análises e discussões filosóficas acerca da realidade, estimulando a imaginação e a reflexão dos alunos.

Mas, estaríamos corretos ao afirmar que tal adaptação dos quadrinhos para sala de aula os transformariam em materiais didáticos? Segundo Denise Bandeira (BANDEIRA, 2009), é possível dizer que sim, já que entende-se por material didático qualquer tipo de conteúdo materializado, seja por meio de impressos, de forma concreta ou mesmo digital, desde que se tenha uma finalidade pedagógica.

Além disso, também acreditamos ser importante “dessacralizar” os materiais didáticos recebidos nas escolas, já que muitas vezes são encarados como “verdades inquestionáveis”, sem qualquer abertura para a experimentação de outras estratégias pedagógicas, como é o caso desta forma de adaptar os quadrinhos para a sala de aula. Segundo Paulo Freire:

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou os minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz o interesse dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. (FREIRE, 1970, p.34).

Não se trata, porém, de rebelar-se contra o currículo, abolir os livros didáticos ou ignorar qualquer legislação vigente para trazer os quadrinhos de forma impositiva ou irresponsável para os educandos. Mas, considerar a realidade midiática que os jovens estão inseridos e a possibilidade de um diálogo mais profundo sobre temas do cotidiano a partir das HQ's e dos textos filosóficos.

O pesquisador de quadrinhos Angela Rama e Waldomiro Vergueiro (RAMA; VERGUEIRO (2016) também nos apontam outras vantagens de se utilizar este recurso em sala de aula, dentre elas a grande quantidade de informações presentes nas HQ's, o seu poder comunicativo, o incentivo para leitura e a possibilidade de utilização em diferentes faixas

etárias. Trata-se, portanto, de um rico e poderoso instrumento pedagógico para ser utilizado no ensino de filosofia, ou seja, não pode ser ignorado ou desprezado.

### **X-Men, intolerância e discriminação.**

Nosso objetivo é o de demonstrar o potencial de nossa proposta, que não visa somente utilizar os quadrinhos como “mera ilustração” ou apontar possíveis conexões entre filosofia e personagens da cultura pop, mas uma experiência filosófica que visa combinar genuinamente as imagens aos conceitos. Neste sentido, iremos apresentar a nossa experiência com alunos do 2º ano do EM, numa escola pública de região periférica em SP, onde discutimos sobre intolerância e diversidade a partir dos super-heróis X-Men e do filósofo Michel Foucault.

Na ocasião, a escola também desenvolvia um projeto em paralelo, que envolvia alunos e professores para o dia da consciência negra. Foram realizadas diferentes ações pedagógicas com esta temática, tais como: Dança, vídeo, desfile, decoração, jogos de origem africana etc. Como contribuição, também decidimos utilizar os quadrinhos como ponto de partida nas aulas de filosofia para uma reflexão a respeito da intolerância, da diversidade e do racismo.

Consideramos os X-Men uma boa história para tratar sobre o assunto, já que muitos de seus personagens também surgiram para combater os estereótipos de super-heróis existentes em sua época. Os X-Mens, por exemplo, foram os primeiros quadrinhos a trazerem uma heroína negra, a primeira HQ a mostrar um casamento Gay, a primeira história onde pessoas excluídas socialmente eram as protagonistas. Aliás, os quadrinhos dos X-Mens tratam, justamente, do assunto exclusão, já que discutem constantemente em seus enredos a questão da intolerância contra os mutantes.

As HQ's dos X-Men discutem a questão da discriminação entre humanos e mutantes, mas a história destes super-heróis não nos mostra somente isso; vai muito além. Seguindo com o assunto da diferença, as HQ's dos super-heróis X-Men apresenta-nos temas sobre a questão de gênero, apresentando super-heroínas em papéis de destaque, uma grande diversidade delas (WESHENFELDER, 2011, p.33).

Além disso, os mutantes aparecem como excelente metáfora para pensarmos sobre toda e qualquer forma de exclusão social, por exemplo: O racismo, a homofobia, o machismo, o capacitismo e o preconceito a tudo aquilo que é considerado anormal ou fora dos padrões aceitos. Como se pode observar, os X-Men nos oferecem um bom conteúdo para discutirmos questões relacionadas ao conceito de normalidade e diversidade, temas bastante explorados na obra de Michel Foucault. Segundo Patrick D. Hopkins, em seu artigo,

(...) O filósofo Michel Foucault (1926 – 1984) descreve a história do anormal, partindo do conceito amplo de “monstro” (uma grande mistura do não natural e do impossível) e chegando ao conceito do “indivíduo que deve ser corrigido” (uma ideia médica e legal mais estreita de humanos que precisam ser melhorados). Grande parte da lição histórica de Foucault trata do modo como a sociedade lida com o anormal, mas também pode estar relacionada com a maneira como qualquer indivíduo percebe sua própria anormalidade (HOPKINS, 2009).

Esta questão fica bastante evidenciada na HQ *Novos X-Men. E de Extinção* (MORISSON, 2014), que trata da destruição de “Genocha”, ilha criada por Magneto para a população mutante viver livremente. Nesta história, inclusive, se podem fazer referências diretas aos terríveis acontecimentos da 2ª guerra mundial, como é o caso da bomba nuclear e das perseguições ao povo judeu.

Como se pode observar, os quadrinhos dos X-Men nos possibilitam diferentes análises e discussões a respeito da falta de tolerância aos diferentes, tema de fundamental importância para ser discutido com os alunos do E.M, conforme a competência nove da BNCC<sup>3</sup> que trata sobre a empatia e a cooperação.

### **Passo a passo...**

Com o objetivo de explorarmos esta discussão sobre intolerância e diversidade junto com os alunos, decidimos criar três momentos distintos, divididos pelo mesmo número de aulas. No primeiro momento, tratamos da intolerância e da diversidade nas HQ's dos X-Men por meio da adaptação de 13 imagens coletadas na internet e exibidas em 7 slides, cujo teor apresentavam os principais aspectos da história e dos seus personagens. No segundo momento, trouxemos uma discussão mais aprofundada sobre os pontos de vistas dos dois personagens centrais dos X-Men, sendo eles: Professor Xavier e Magneto, ambos inspirados em líderes do movimento negro (M. Luther King e Malcon X). No terceiro momento, realizamos a leitura de um fragmento de texto de Michel Foucault presente na obra *Os anormais*, no qual o filósofo aborda o conceito de monstruosidade. Além disso, os estudantes também realizaram duas atividades de escrita ao longo do processo, a fim de elaborarem melhor as suas ideias sobre as questões abordadas.

---

<sup>3</sup> A BNCC é A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. (BRASIL, 2018, p.7).

Em relação à escolha das imagens, optamos por apresentar os personagens centrais da HQ<sup>4</sup> em situações que evidenciassem os conflitos ligados à intolerância, variando as imagens dos personagens em adaptações do cinema, TV e vídeo-game. Além disso, os slides também foram incrementados com dados complementares sobre a história dos personagens, possibilitando uma maior quantidade de informações para o diálogo com os alunos. Das imagens utilizadas em sala de aula, selecionamos algumas delas para este artigo:



Figura 2. Deus Ama, o Homem mata.

Fonte: <https://canaltech.com.br/quadrinhos/x-men-uma-metafora-para-o-preconceito-e-para-aintolerancia-158481/> Acesso em 24/02/2022.



Figura 3. Tempestade. Heroína negra.

Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/tempestade-\(ororo-munroe\)/51](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/tempestade-(ororo-munroe)/51) - Acesso em 24/02/2022.

Figura 4. Casamento de Estrela polar.

Fonte: <http://www.atoupeira.com.br/nova-edicao-da-revista-x-men-extra-traz-o-casamento-do-mutante-estrela-polar/> Acesso em 24/02/2022.

Figura 5. Professor Xavier. Deficiência física.

Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/professor-x-\(charles-francis-xavier\)/53](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/professor-x-(charles-francis-xavier)/53) Acesso em 24/02/2022.

<sup>4</sup> Sobre os XMEN, inclusive, vale considerar seu sucesso com os adolescentes, pois suas histórias retratam mutantes excluídos da sociedade, que também descobrem seus poderes na puberdade (ROBB, 2017).





Figura 6. Montagem feita com M. Luther King, Malcon X, Prof. Xavier, Magneto e Stan Lee.

Fonte: <https://vocal.media/geeks/actually-stan-lee-didnt-base-marvels-prof-x-and-magneto-on-malcolm-x-and-martin-luther-king-jr> Acesso em 24/02/2022.

Constatou-se que a utilização das imagens dos X-Men em sala de aula para a promoção de diálogos mais aprofundados sobre a intolerância foram bastante efetivas. Muitos alunos participaram da discussão e já conheciam os mutantes por meio de filmes e desenhos animados, inclusive a respeito do conflito entre o pensamento de Magneto e Professor Xavier.

No segundo encontro, com o objetivo de que todos ficassem inteirados sobre a questão, foram trazidas HQ's do acervo pessoal do professor, com páginas previamente separadas, para uma apreciação junto aos alunos sobre quem eram os personagens Magneto e Xavier e o que eles pensavam. Além disso, também foi exibido um trecho do desenho animado dos X-Men, um grande sucesso da década de 90 na Rede Globo<sup>5</sup>, episódio que aborda o surgimento de Magneto. Neste trecho, pode-se ver claramente o posicionamento do personagem em relação ao professor Xavier. Trata-se de uma visão mais combativa e menos idealista. Para ele, é necessário que os mutantes entrem numa guerra contra os seres humanos.

Com o objetivo de avaliar a compreensão dos estudantes sobre a diferença dos argumentos dos dois personagens, assim como os seus pontos de vistas sobre ambos, foi solicitado que os mesmos relatassem em seus cadernos o lado que escolheriam caso fossem mutantes daquele universo. A sala de aula ficou bastante dividida sobre quem estaria certo:

Aluno A: “Eu escolheria o Magneto, os humanos nunca reconheceram os mutantes como parte da humanidade, sempre seremos escória. O Magneto pensa que as crianças devem aprender a usar seus poderes desde pequenas...”

Aluno B: “Eu escolheria o lado do professor Xavier, pois ele acredita que humanos e mutantes podem conviver em paz...”

Em seguida, falamos sobre as problemáticas dos dois argumentos, tanto a utopia de um mundo sem conflitos como a postura mais combativa do outro, ambos inspirados em dois líderes do movimento negro nos E.U.A, sendo eles: M. Luther King e Malcon X. Com o

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Ehg2VgfvrcI> – Acesso em 24/02/2022.

objetivo de que os alunos pudessem comparar as suas semelhanças, foram exibidos trechos de entrevistas de Malcom X<sup>6</sup> e do famoso discurso de M. Luther King em Washington<sup>7</sup>.

Em nosso terceiro encontro, trouxemos o pensamento de Michel Foucault para sala de aula, um “mutante” entre os filósofos de seu tempo, por meio de um fragmento de texto retirado de sua obra *Os anormais*, que trata sobre a questão da monstruosidade. Vejamos o trecho a seguir:

Monstro, portanto, não uma noção médica, mas uma noção jurídica. No direito romano, que evidentemente serve de pano de fundo para toda essa problemática do monstro, distinguiam-se com cuidado, se não com clareza, duas categorias: a categoria da deformidade, da enfermidade, do defeito (...) e o monstro propriamente dito. É o misto de dois reinos, o reino animal e o reino humano: o homem com cabeça de carneiro é um monstro. É o misto de dois indivíduos: que tem duas cabeças e um corpo... É o misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro (... ) (FOUCAULT, 2009. pp. 78-79. *Os anormais*).

Com o objetivo de provocar os estudantes para pensarem sobre a linha que divide os seres humanos, considerados normais, daqueles que apresentam características “monstruosas”, sejam elas físicas ou no modo de agir, realizamos a nossa leitura considerando os aspectos imagéticos e conceituais presentes no texto. Desta forma, os alunos foram convidados a imaginarem tais figuras humanas no mundo em que vivemos e a refletirem sobre o modo como as mesmas são tratadas, por exemplo: Os transsexuais, os deficientes físicos e intelectuais, os gêmeos siameses, etc. Como eles tratam essas pessoas e o que eles fariam se tivessem alguém na família em tais condições?

Além disso, falamos sobre a trajetória de Foucault e das perseguições que ele também sofreu por ser homosexual em seu tempo, de como o seu texto trata uma questão da sua própria vida, a intolerância. Obviamente, não buscamos aprofundar o pensamento e obra do filósofo francês, mas a leitura deste fragmento nos possibilitou conhecer um pouco mais de suas ideias e assim provocar novas reflexões sobre a questão da falta de tolerância com as pessoas consideradas diferentes. Neste sentido, também foi solicitado para que os alunos refletissem sobre o modo como se percebiam, se, em algum momento, já tinham se sentido como “monstros”:

Aluno 1: “A maior parte da minha adolescência eu me sentia, de fato, um monstro. Não tinha apenas a ver com a minha aparência, mas também com a resolução das coisas que eu gosto...”

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=NLpfZc79na8&t=4s> - Acesso em 24/02/2022.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=aWlhPFHOI-Y&t=4s> - Acesso em 24/02/2022.

Alunos 2: “Sobre a minha aparência na maioria das vezes eu tenho a auto estima muito baixa, pois por conta que eu sou magra e tenho alguns “defeitos” que eu não gosto...”

Aluno 3: “Já me senti um monstro, a sociedade já me fez pensar que eu era um monstro por não ter cabelo liso...”

De maneira geral, tanto os X-Men quanto o texto filosófico de Foucault possibilitaram uma reflexão importante sobre a valorização da diferença e a crítica a certos padrões estabelecidos, um novo olhar sobre uma temática tão complexa em nossas vidas. Percebeu-se que a Filosofia Pop nos apresentaria um caminho diferente para filosofar com os adolescentes, por meio de uma parceria entre imagens e conceitos, que potencializa e desperta o interesse dos jovens pela reflexão filosófica, de modo mais descontraído e leve.

### **Algumas considerações.**

A pesquisa com adaptação de HQ's para sala de aula, que considera os aspectos levantados pela Filosofia Pop, ainda possui carácter introdutório e carece de outras experimentações e análises. Porém, o modo como os nossos estudantes participaram das discussões e se envolveram ao longo do processo, deixaram-nos evidências de que este é um caminho a ser explorado no trabalho docente com os quadrinhos, uma nova possibilidade para se levar este recurso para as aulas de filosofia.

### **Referências bibliográficas**

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. Ensinar filosofia: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BANDEIRA, Denise. Materiais Didáticos / Denise Bandeira. – Curitiba, PR: IESDE, 2009.

BARBOSA, Alexandre. Como usar quadrinhos em sala de aula / Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela ; Angela Rama, Waldomiro Vergueiro, (org). – 4. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo : Contexto, 2018. – (Coleção Como usar na sala de aula)

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em 20/07/2020

CHAUI. Marilena. Filosofia. Iniciação à Filosofia - Ensino Médio. Volume. Único. 3ª edição. São Paulo • 2016. Manual do Professor

IRWIN, William (org.). *XMEN e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2015.

FEITOSA, Charles. Explicando filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

\_\_\_\_\_. O que é isto - Filosofia Pop?. In: Daniel Lins. (Org.). Nietzsche e Deleuze - Pensamento Nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. , p. 95-105.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 55<sup>a</sup> ed. (1<sup>a</sup> edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.

HOPKINS, Patrick D. A sedução do normal: quem não quer ser um mutante? In: IRWIN, W. (Coord.). X-Men e a filosofia. São Paulo: Madras, 2009.

MORISSON, Grant et alii. Novos X-Men - E De Extinção. Graphic Novels Marvel Ed. 23. Brueri, São Paulo: Panini Brasil. 2014.

ROBB, Brian J. A identidade secreta dos super-heróis: a história e as origens dos maiores sucessos das HQs: do Super-Homem aos Vingadores/ Brian J. Robb; tradução André Gordirro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

WEASCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Filosofando com os super-heróis, Porto Alegre, 2011